

## A EXPOSIÇÃO “CASSINO” E O DESAFIO DA REAPRESENTAÇÃO DOS ACERVOS

Luciane Campana Tomasini\*  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

### Resumo

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre a exposição *Cassino*, realizada em 2015 no Museu de Artes Visuais Ruth Schneider (MAVRS), a partir das obras da *Série Cassino da Maroca*, da artista Ruth Trela Schneider (1943–2003). A série é parte do acervo doado pela artista para que fosse criado o primeiro museu de arte em Passo Fundo, no interior do Rio Grande do Sul. Desde a criação do MAVRS, em 1995, as obras dessa série foram expostas em diversas ocasiões, frequentemente, junto a outras obras da artista, incluindo na abertura da instituição. A proposta curatorial da exposição reuniu o acervo de dois museus, o Museu de Artes Visuais Ruth Schneider (MAVRS) e o Museu Histórico Regional (MHR). E esteve calcada na pesquisa da relação da série com as memórias de Passo Fundo, e do erotismo velado da sociedade machista da época em que o *Palácio Cassino* funcionou na cidade (1940 a 1946).

### Palavras-chave

Acervo; exposição; arte; história; museu.

### Abstract

This work presents a reflection on the exhibition *Cassino*, held in 2015 at the Museum of Visual Arts Ruth Schneider (MAVRS), from the works of the *Cassino da Maroca Series*, by the artist Ruth Trela Schneider (1943-2003). The series is part of the collection donated by the artist to create the first art museum in Passo Fundo, in the interior of Rio Grande do Sul. Since the creation of the MAVRS in 1995, the works of this series have been exhibited on several occasions, often, along with other works by the artist, including the opening of the institution. The curatorial proposal of the exhibition brought together two museums, the Ruth Schneider Museum of Visual Arts (MAVRS) and the Regional Historical Museum (MHR). And it was based on the research of the relation of the series with the memories of Passo Fundo, and of the veiled eroticism of the macho society of the time in which the *Casino Palace* worked in the city (1940 to 1946).

**Keywords:** Collection; exhibition; art; history; museum.

**Entre a criação do Museu de Artes Visuais Ruth Schneider a poética e a história**

A inauguração do *Museu de Artes Visuais Ruth Schneider*<sup>1</sup> (MAVRS), em 18 de maio de 1996 na cidade de Passo Fundo, foi marcada pela primeira apresentação, naquela instituição, das obras da série *Cassino da Maroca*, da artista Ruth Trella Schneider<sup>2</sup> (1943-2003). A série faz parte de um lote de mais ou menos 200 obras, que foi doado pela artista para sua cidade natal, Passo Fundo, com o intuito de formar o acervo do museu que teria seu nome. A partir dessa doação, a Pró-Reitora de Pesquisa Pós Graduação e Extensão da Universidade de Passo Fundo, Tania Marisa Kuchembercker Rösing e a artista e professora Roseli Doleski Pretto (1945-2002) elaboraram a proposta de criação do MAVRS, ao mesmo tempo em que reativaram o Museu Histórico Regional- MHR.

Antes mesmo da inauguração do museu de arte, Ruth Schneider e Roseli Pretto amalharam entre os galeristas Sandra Carneiro, da Galeria Espaço da Arte (de Passo Fundo), Milton Couto, da Galeria Arte & Fato, e Renato Rosa, da Galeria Agência de Arte, bem como entre os artistas ligados ao ateliê do Museu do Trabalho e da Oficina 11, da cidade de Porto Alegre, obras de 91 artistas<sup>3</sup>. Assim, a exposição de abertura do MAVRS, *Cassino da Maroca*, foi organizada tanto a partir das obras de Schneider como de vários outros artistas. A proposta expositiva baseou-se num recorte da história de Passo Fundo calcado na presença de um cassino, da prostituição, e da história velada que contava e escondia um passado controverso. Houve, na ocasião, uma performance do grupo de teatro da Universidade de Passo Fundo em que atores desfilavam entre o público, referindo-se aos frequentadores e funcionários do Palácio Cassino ou Cassino da Maroca (figura 1).



Figura 1. Exposição de abertura do Museu de Artes Visuais Ruth Schneider e reabertura do Museu Histórico Regional, em 18 maio 1996. Fonte: Acervo do MAVRS.

A memória que a população tinha sobre o Cassino era de um passado que não se ousava falar abertamente. No livro *Quinze de Novembro Fronteiras da (in)tolerância: Passo Fundo (1940-1955)*, lançado em 2016 e organizado por Marlise Regina Meyrer<sup>4</sup>, estão muitas das histórias orais e documentadas sobre a famosa rua em que se encontrava não só o Cassino, mas a zona do meretrício da cidade, segundo Meyrer:

A rua Quinze de Novembro em Passo Fundo-RS concentrou, ao longo dos anos 1940 e 1950, uma série de estabelecimentos voltados para atividades e práticas consideradas marginais pela sociedade tradicional da cidade. *Dancings*, cassinos, bares e pensões que alugavam quartos para a prática da prostituição compunham o cenário do local, que também era um espaço de sociabilidade, onde parte da elite masculina fechava negócios e fazia política. Um desses estabelecimentos sobressaiu-se, ganhando fama nacional: o *Cassino da Maroca* ou *Cassino Palácio* (MEYRER 2016:15).

Entre os anos de 2016 e 2017, a autora do presente artigo realizou uma série de entrevistas com funcionários que participaram do período inaugural da instituição, as quais, juntamente aos escritos da própria artista Ruth Schneider, constituíram a principal fonte de informações para esta pesquisa no que se refere à história do museu, das exposições, da criação de seu acervo e da noite de abertura do Museu.

A primeira museóloga e atual Coordenadora do MAVRS, Tania Maria Aimi, em entrevista, fala que “a questão do *Cassino da Maroca* era uma questão meio proibitiva, que as pessoas vinham visitar a exposição assim, escondido da mulher, às vezes com curiosidade...”. Aimi complementa que a própria Isaltina Rodrigues, conhecida como Maroca, a primeira proprietária do Cassino, também esteve no museu.

A funcionária administrativa do museu, Carla Doneda, mencionou que “as mulheres criticavam muito, porque era uma vergonha o museu estar expondo a história de um cassino, isso por muito tempo depois que abriu o museu. A gente quando acompanhava os visitantes mais antigos, eles falavam muito mal”.

Denise Aparecida Vieira, estagiária do museu de artes, enfatiza que, “as exposições com acervo do Cassino da Maroca causavam muitas reações, de estranhamento, mas muito mais de alegria. As pessoas demonstravam interesse na história do cassino, mas confesso que provocávamos essa curiosidade e as pessoas pegavam carona de *Ford Bigode* e aí, a visita rendia”, referindo-se à pintura *O Ford Bigode nº 12*, obra de 1994, exposta desde a primeira exposição do MAVRS, e aos registros escritos da artista usados nas mediações de exposições.

As relações das obras com as histórias do tema cassino, convidam o espectador para olhar além da imagem. Podemos usar como exemplo a apresentação da artista publicada no folder distribuído na inauguração do museu, no qual o galerista Renato Rosa escreveu: “Percebo que, a sua maneira, Ruth acaba fazendo um pouco de literatura fantástica pintando. O clima se torna mais envolvente ainda quando nos sentimos tomados por esta galeria enganatória, que tem cheiro de perfume barato no ar, misturado com champagne, boleros, mambo e tangos” (ROSA 1996).

### **Das histórias nascem as obras**

As histórias que ouvia quando menina não eram de contos de fadas, mas da dura realidade, que a artista romanceou a partir das narrativas de sua avó Margarida, chamada por ela de Ida (que prestava serviço ao Cassino como lavadeira) e de seu padrasto Antônio Franchini (que era motorista de taxi em frente ao Cassino), ao qual Schneider<sup>5</sup> se refere em um de seus escritos:

[...] Do Cassino, de sua vida noturna, e eu vivenciei o passado dele, seus fregueses de corrida, pois ele, Seu Antão, tinha um carro na praça, e apareciam aqueles homens a sua procura, pareciam os italianos da máfia, de preto e chapéu, com manta envolvida no pescoço, sapatos de bico fino, e as mulheres envolvidas nos seus casacos de pele verdadeira (Arquivo do MAVRS).

A riqueza de detalhes que Schneider apresenta em suas anotações vão ao encontro das informações levantadas pela historiadora Marlise Meyrer. Nesse sentido, a pesquisadora coloca que o Cassino “era considerado inacessível para a maioria da população. Mulheres bem vestidas, vindas dos países vizinhos, como Uruguai e Argentina, orquestras e mesas regadas a champanhe faziam parte do imaginário da cidade sobre o Cassino. (MEYRER, 2015:15)

Para a pesquisadora Aline do Carmo<sup>6</sup>(2015:17), que estudou algumas das obras da *Série Cassino da Maroca*, “o conjunto de seus quadros, sobre a série histórica *O Cassino da Maroca*, podem ser considerados verdadeiros romances literários, transportados para a imagem.” Nesse sentido, o galerista Décio Presser (1993), em texto publicado no primeiro folder de divulgação do MAVRS, questiona a condição da artista:

Pintora ou escritora? As duas denominações são adequadas, quando se fala de Ruth Schneider. Seu universo pictórico, além de criar um mundo marcado pelas memórias, vem sempre acompanhado de um grafismo (rabiscos). Nos últimos tempos, a veia literária tem sido mais frequente, originando uma série de histórias despretensiosas, que surpreendem pela simplicidade e um cotidiano de vivências extremamente ricas, determinando, de forma irrevogável, a trajetória desta artista. A pintura de Ruth Schneider tornou-se marcante no Rio Grande do Sul e num segundo momento, em boa parte do país, pela série denominada de *O Cassino da Maroca*. (PRESSER, novembro de 1993).

De fato, a produção da artista se estende para além da linguagem visual (pintura, gravura, desenho, colagem, entre outros), explorando, com frequência, a linguagem escrita. Ela produziu dois álbuns ilustrados<sup>7</sup>, *O Cassino da Maroca* (1993), lançado na *V Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo*, e o álbum *Evocando Ida* (1993), lançado no Centro Cultural APLUB (Porto Alegre), sobre os quais produziu interferências escritas com trabalho em pastel oleoso durante o lançamento.

#### **Das obras retornam as histórias, e o universo machista**

O acesso aos salões de dança, à requintada programação artística, e às apresentações de shows internacionais, era privilégio das damas do Cassino, assim como a companhia frequente do público masculino da alta sociedade composto de maridos, filhos e amigos das damas da sociedade. Assistir às atrações do Cassino era algo impensável para as mulheres da sociedade passofundense. O desfile das roupas e acessório das mulheres que vinham de outros países para trabalhar no cassino teria influenciado o gosto das mulheres da cidade pela moda vinda do estrangeiro. A este grupo excluído do Cassino, Schneider dedicou a série “Janelas”, que refazem a cena das olhadelas discretas através de portas e janelas entreabertas.

Embora não se tenha confirmação da informação, especula-se, na cidade, que a primeira proprietária do Cassino, a Maroca, inspirou a personagem Salomé de Passo Fundo no programa de humor de Chico Anysio, famosa pelos telefonemas a presidentes e figurões do cenário político de Brasília, *destacando sua influência entre os políticos da época*.

O luxo do Palácio Cassino ou Cassino da Maroca, segundo a historiadora *Ironita Machado*<sup>8</sup>, *procedia* “do desenvolvimento da indústria madeireira e vem justo num tempo que a cidade está em crescimento”. De acordo com o jornalista e radialista Antônio Augusto Meirelles Duarte<sup>9</sup> (2016), também porque Passo Fundo era “um ponto estratégico de negócios, por ser caminho para a venda do contrabando de pneus”. Ainda segundo o jornalista, para a cidade, vinham caminhões carregados de pneus que seguiam para o Uruguai e Argentina e depois para a Alemanha nazista durante a Segunda Guerra Mundial”. Coincidência ou não, após o término da guerra, Helena Teston (2010) coloca que, “em 1946, Dona Maroca alugou o lugar, e os novos administradores não devotaram ao lugar os mesmos cuidados que ela, e aos poucos o brilho foi se perdendo”. Meyrer (2016) nos conduz a compreender que, “até os anos de 1950 havia um certo equilíbrio entre dois mundos”, sendo que, depois disso, iniciaram as propostas de retirada da zona do meretrício da região central da cidade, com a clientela masculina se posicionando de ambos os lados:

Os *homens de bem* da sociedade passo-fundense frequentavam os bordéis/ cassinos da Quinze, onde socializavam tanto com seus pares frequentadores quanto com os *outros* daquele espaço, onde as fronteiras não eram tão rígidas. Depois voltavam para o mundo *legal* e, muitas vezes, empreendiam batalhas morais contra a zona do meretrício frequentada e mantida por eles, como foi o caso das campanhas deflagradas pelo principal jornal da cidade para a retirada dos bordéis do centro da cidade (MEYRER, 2016:21)

A total remoção da zona do meretrício da região central de Passo Fundo se deu em 1956, quando as casas começaram a ser removidas do local.

#### **A reapresentação do acervo e a curadoria**

Desde a primeira exibição, em 18 de maio de 1996, as obras da série Cassino da Maroca nunca abandonaram as salas expositivas do MAVRS, lá estando presentes praticamente por dezenove anos, até 04 de agosto de 2015, quando foi aberta a exposição intitulada Cassino, a qual constitui o tema central deste artigo. Assim, já se apresentava à curadoria dessa nova exposição o desafio de elaborar estratégias capazes de levar ao público outras possíveis de conexões, modificando-se os critérios de recorte das obras do acervo, as expografias e os recursos de iluminação tão amplamente utilizados durante todos aqueles anos.

O processo de elaboração da proposta curatorial iniciou com a disposição de percorrer a reserva técnica da MAVRS, procurando-se observar as obras da artista Ruth Trella Schneider a partir de um novo olhar, diverso das apresentações anteriores desse material. Deste local inspirador, surgiu a ideia de se concentrar esforços sobre a exploração do próprio espaço expositivo como recurso para a reapresentação das obras. A experiência de se estar no espaço da reserva técnica, envolto pelas obras do *Cassino da Maroca*, evocava o barulho das festas vindas de algumas, o som dos instrumentos, o riso de tantas mulheres de salto alto, roupas degotadas, acessórios vibrantes e unhas em vermelho marafona. Ali estava a inspiração para a proposta de uma exposição que utilizasse recursos de áudio, de aromas e de uma iluminação diferenciada.

Entre as anotações de Schneider, encontra-se um texto por ela intitulado *Personagens - escritos por Schneider*, no qual a artista descreve:

Este Universo de Personagens, eu os vejo na esquina da 15 de Novembro, fervilhavam de uma casa para outra, do tango para o xaxado, do champanhe terminando na Chica-pé-de-porco, na “pinga”, do cheiro de Rosa Argentino, para o cheiro do Amor Gaúcho (Arquivos do MAVRS).

Para Merleau Ponty, “será possível entender o papel do curador não como aquele sujeito que constitui o mundo e dá sentido a ele e à arte, mas como um profissional que abre um acontecimento que está por vir

e assim possibilita uma série de outras experiências que podem formar uma história” (ALVES, 2010:46). Considera ainda que o artista enquanto curador de exposições mantém uma relação particular nas curadorias que empreende; estabelece uma relação que atravessa o campo institucional e mercadológico sem se deixar contaminar por eles e revela, muitas vezes, novos diálogos atravessados por conceitos e pesquisas.

Para Basbaum (2013: 168), “quando artistas realizam curadorias, não podem evitar a combinação de suas investigações artísticas com o projeto curatorial proposto: para mim, esta é sua força e singularidade particulares, quando em tal engajamento”.

A elaboração da proposta para a *Cassino*, de 2015, ganhou grande impulso a partir da descoberta de que uma penteadeira e um telefone que teriam pertencido à Isaltina Rodrigues, a Maroca, encontravam-se em um antiquário da cidade. Assim, os objetos foram cedidos para a exposição pelo seu atual proprietário, Vilson Pinheiro, do antiquário Brega & Chique de Passo Fundo. Pinheiro afirmava ter conhecido Maroca, e que, na sua mocidade, teria prestado serviços de manutenção de som ao Palácio Cassino. Pinheiro afirmou ainda que, quando adquiriu a penteadeira, havia fotografias sob a superfície de vidro, mas que por questões de discrição acabou retirando-as, pois algumas pessoas que visitavam o antiquário constrangiam-se ao identificarem ali seus familiares. Também segundo Pinheiro, do aparelho de telefone da Maroca teriam sido feitas muitas ligações para as autoridades da época a fim de garantir a permanência do Cassino aberto.

A partir do empréstimo dessas peças, iniciaram-se pesquisas em parceria com Museu Histórico Regional (MHR), através do levantamento de objetos do acervo desse último que remontavam à época do Cassino. Entre eles, foram selecionados para a exposição, um microfone, instrumentos musicais, cadeiras, mesa, palco, divã, chapeleiro, roupas, joias e objetos de uso pessoal femininos.

Embora a montagem da exposição tive a clara intenção da criação de um cenário, vários ajustes foram realizados durante os trabalhos a fim de evitar que a ambientação retira-se o foco das obras. Nesse sentido, o pesquisador Elsie Rossini escreve que:

A exposição é uma mídia em três dimensões que se oferece para ser percorrida sensivelmente por cada um dos visitantes e cujo discurso se constrói no espaço. Cenografia traz a dimensão conceitual do espaço, propondo ritmos e atmosferas geradas pela organização do espaço, da iluminação e do som (Rossini:162).

Crimp (2005:13) coloca que “as coordenadas de percepção não existem somente entre espectador e a obra, mas permeavam os espectadores, a obra e o lugar em que ambos se encontram”.

Tanto as pinturas quanto as memórias registradas através da escrita de Schneider remetem ao autor Rancière (2012:53) que nos auxilia a analisar o contexto histórico ao mencionar que “reconhecer esses signos é empenhar-se em certa leitura de nosso mundo”.

Ao referir-se de maneira íntima a personagens e pessoas reais, a artista Ruth Schneider estreita os limites entre a história e a realidade: “Obrigada, a estas pessoas que passaram em minha vida e estas personagens do meu Universo Pictórico, que não conheci, mas aprendi a amá-las e conviver com elas e, como dizia o poeta ‘Ame o pecador e não o pecado’ ” (Arquivos do MAVRS).

### **O Cassino de 2015**

A exposição *Cassino*, de 2015 foi organizada com o intuito de valorizar esse importante componente do acervo do MAVRS, através de uma proposta curatorial calcada sobre a pesquisa da relação da série com

as memórias de Passo Fundo e do erotismo velado da sociedade machista da época em que o “Palácio Cassino” funcionou na cidade (1940 a 1946).

A montagem se distribuiu nas cinco salas que compõe o espaço expositivo do MAVRS, que, para melhor entendimento, serão classificados como A, B, C, D e E. Na sala principal A, foram distribuídas as obras de maior dimensão, sendo localizadas no meio do espaço aquelas apoiadas em suportes tridimensionais. Dessa sala, atrás do palco partia o som do tango e um refletor de cor luz fúcsia, no sentido contrário da sala ficava a mesa e o baralho de jogo pôquer (Figuras 2-3).



Figura 2. Vistas da sala A da exposição Cassino, maio de 2015. Fonte: Acervo do MAVRS.

Na noite de abertura os estagiários do MAVRS, Wagner de Freitas Pires (de terno vermelho), Maicon (em pé) Ribeiro e Leonardo Araújo (direita da foto), e a estagiária do MHR Eduarda Ongarato, fizeram uma performance interagindo como cenário e o público. (Imagem 3) Além da performance teve uma apresentação de dança como um casal do grupo *Tanz-UPF*, que apresentou um número de tango.



Figura 3. Performance na noite da abertura da exposição Cassino. Fonte: Acervo do MAVRS.

Da sala B, espalhava-se para as outras salas o aroma de perfume. Nela foi instalada a obra intitulada *Maroca* (mulher em tamanho natural que foi construída sobre o suporte de uma porta) e dispostos os objetos que pertenceram à própria Isaltina Ribeiro (*Maroca*), a penteadeira e o telefone (figura 4).



Figura 4: Vista parcial da Sala B, com os pertences da Maroca, 2015. Fonte: Acervo do MAVRS.

Na sala C (hall de entrada), foram distribuídas as obras que apresentam os nomes de outros estabelecimentos da Rua Quinze de Novembro, além do Cassino da Maroca, (Imagem 5). De acordo com Nascimento (2003 apud MEYRER, 2015:71), “havia mais de quarenta estabelecimentos na localidade entre casas de prostituição, bem como restaurantes, bares, casas de jogos, açougues, e outros”.



Figura 5. Vista parcial do Hall de entrada, exposição *Cassino*, 2015 no Museu de Artes Visuais Ruth Schneider. Fonte: Acervo do MAVRS.

Na Sala D, estavam quadros em formato de placas com os nomes das mulheres pintados em placas de madeira de personagens conhecidas, dentre elas, *Chica Pé de Porco*, *Zica Navalha*, *Maria Bigode*, *Nina (a Honoria, mãe da artista)*, e os homens *o Cabreiro Flores*, *Chico Balão*, *Sarrafo*, *Sargento 27*, *Delegado Acrepino* e *Antão*. Personagens representados nas pinturas, alguns ilustram o nome da obra. Na sala E, a menor dentre as cinco, foram expostas algumas das obras da série *Janelas*.

A visitação da exposição da exposição foi intensa. A programação estava prevista para acontecer de 04 de agosto a 13 de setembro e acabou sendo prorrogada até 04 de outubro. Considerando que era uma exposição de acervo, o número de visitantes foi significativo (1.506), houveram 30 agendamentos de turmas escolares.

Assim, a repercussão da exposição entre a comunidade local surpreendeu seus organizadores, o Jornal Diário da Manhã, publicou a exposição *Cassino* como notícia de capa, o jornal de sábado e domingo dias 19 e 20 de setembro. A chamada “Uma visita no passado”, e uma foto de meia página, antecedia a matéria de folha inteira da página 4, cujo artigo das repórteres Liliana Crivello e Andressa Zorzeto inicia com o título, “Uma visita no passado: um cassino e meretrício que agitou a cidade entre as décadas de 40 e 50 é

remontado através da arte e pode ser visto até o próximo dia 5 numa exposição no Museu da Artes Visuais Ruth Schneider”, e mescla a história do Cassino a descrição das salas de exposição e a parceria entre os museus.

A exposição também virou pauta da produção de um documentário<sup>10</sup> produzido pelo acadêmico de jornalismo Daniel Rohrig, através do Núcleo Experimental de Jornalismo da Faculdade de Artes e Comunicação da UPF. Rohrig (2015) escreveu na nota do reporte assim: “Havia uma exposição do MAVRS e aquilo me despertou para reviver um pouco dessa história famosa em Passo Fundo. Para mim foi ainda mais desafiador porque eu não nasci aqui na cidade e por isso cada descoberta que eu fazia, considerava um grande avanço”. Este material acabou se transformando em mais uma fonte agora para esta pesquisa.

No ano de 2016 a exposição Cassino etinerou a convite da Vice Reitora de Extensão Assuntos Comunitários, Bernadete Dalmolin para ocupar espaço expositivo do Hall do Centro Administrativo da Universidade de Passo Fundo (UPF), onde foi montada de forma mais compacta, mas manteve na abertura a apresentação de tango e da performance.

Assim refletindo sobre a experiência e retomando a questão inerente as expectativas “secretas” dos curadores, administradores, e equipes dos museus seja, a preocupação em manter e se possível captar novos públicos. O que nos faz pensar que é preciso continuar a criar estratégias para viabilização desse desejo.

### **Considerações Finais**

Ruth Trella Schneider é uma artista que, embora não esteja em destaque na historiografia da arte nacional e internacional, alcançou o reconhecimento importante ainda em vida ao receber um museu com seu nome. Entretanto, ainda são poucos os estudos sobre sua obra, biografia e historiografia, entendendo-se importante o desenvolvimento de pesquisas voltadas ao preenchimento dessa lacuna.

A divulgação das estratégias de apresentação de acervos de pequenos museus distante de grandes centros torna-se também uma forma de tornar mais público suas propostas assim como seus próprios acervos. Além de nos levar a refletir sobre a importância da valorização das histórias locais, ainda mais quando estão diretamente associadas aos contextos das criações de obras de arte. As versões das histórias da arte construídas a partir de exposições como a do *Cassino* no MAVRS indagada para além das questões estéticas, e nos conduzem aos períodos históricos em que foram produzidas.

Além da importante relação de parceria entre os dois museus o conceito de contextualização com que apresenta as obras do seu acervo e o potencial da parceria entre os dois museus

### **Referências**

- AIMI, Tania Oliveira. DONEDA, Carla. Entrevista I. [19 jun. 2017]. Entrevistador: Luciane Campana Tomasini. Passo Fundo, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se no acervo documental do Museu de Artes Visuais Ruth Schneider- MAVRS.
- ALVES, Cauê. A curadoria como historicidade viva. In: Alexandre Dias Ramos. (Org.). Sobre o ofício do curador. 1ª ed. Porto Alegre: Editora Zouk, 2010, v. 1, p. 43-57.
- BASBAUM, Ricardo. Manual do artista-etc. 1ed. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.
- CARMO, Aline do. *Arte e história na Série O Cassino da Maroca de Ruth Schneider*. 2015. 115f. Dissertação (Mestrado em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas) - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2015.
- CRIMP, Douglas. *Sobre as Ruínas do museu*. São Paulo Martins Fontes, 2005.
- CRIVELLO, Lílina e ZORZETO Andressa. *Uma visita no passado: Um cassino e meretrício que agitou a cidade entre as décadas de 40 e 50 é remontado através da arte e pode ser visto até o próximo dia 5 numa exposição*

no Museu de Artes Visuais Ruth Schneider. *Diário da manhã*. Passo Fundo, 19 e 20 set. de 2015. Caderno Geral. p.4.

MEYRER, Marlise Regina. *Quinze de Novembro-Fronteiras da (in) tolerância*: Passo Fundo(1940-1955). MEYRER, Marlise Regina et, al. (Org.) *Quinze de Novembro-Fronteiras da (in) tolerância*: Passo Fundo (1940-1955). São Leopoldo: Oikos, 2016. (p. 14-36). E-Book disponível em <http://oikoseditora.com.br/files/Quinze%20de%20novembro%20-%20E-Book%20-%20BAIXA%20RESOLU%C3%87%C3%83O.pdf> Acesso 10/01/2018.

MACHADO, Ironita A. Policarpo. HEINSFELD, Adelar. BATISTELLA, Alessandro. A opinião MACHADO, Ironita A. Policarpo. *Edificações Comerciais e Culturais - Momento Patrimônio 3ª Temporada*. 5º programa da Terceira Temporada do Programa Momento Patrimônio, Youtube, 32:36, 5 de fev. 2014. Disponível em <https://youtu.be/L5DRQXv2kmc>. Acesso em: 10/01/2018.

MACHADO, Ironita A. Policarpo. De cabaré a sede da ditadura. A opinião de MACHADO, Ironita A. Policarpo. *Fechamento do Cassino da Maroca*. Reportagem: Fernanda da Costa, ZH-TV. 3:04, as 12:30h. 20 ago. 2013. Disponível em:

<http://videos.clicrbs.com.br/rs/zerohora/video/geral/2013/09/cassino-maroca-cabare-sede-ditadura/41569/>. 3:04, 20 ago. 2013, as 12:30. Acesso em: 10/01/2018.

SCHNEIDER, Ruth T. *Ruth Schneider*. Site - Museu de Artes Visuais Ruth Schneider. Disponível em <http://mavrs.upf.br/index.php/historico/ruth-schneider>, acesso em 14/08/2017.

RANCIÈRE, Jacques. *O Espectador Emancipado*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ROHRIG, Daniel. Nos embalos do Cassino da Maroca. Um pulo de 60 anos no passado para reviver a época de ouro das noites passo-fundenses. DUARTE, Antônio Augusto Meirelles. *As mulheres precisavam estar bem vestidas*. Nexjor FAC UPF, 3:52, 2016. Disponível em <https://nexjor.atvist.com/nos-embalos-do-cassino-da-maroca>. Acesso em 02/01/2018.

Nos embalos do Cassino da Maroca. Um pulo de 60 anos no passado para reviver a época de ouro das noites passo-fundenses. ROHRIG, Daniel. *Nota do repórter*. Nexjor FAC UPF. Disponível em <https://nexjor.atvist.com/nos-embalos-do-cassino-da-maroca> Acesso em 02/01/2018.

ROSSINI, Élcio. Cenografia no teatro e nos espaços expositivos: uma abordagem além da representação. *TransInformação*, Campinas, 24(3):157-164, set./dez., 2012. Disponível em: 23/10/2016.

TESTON, Helena. *O Cassino*. 28 maio de 2010. Memórias do Arquivo Histórico Regional Disponível em [http://ahr.upf.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=75&Itemid=44](http://ahr.upf.br/index.php?option=com_content&task=view&id=75&Itemid=44) Acesso em 13/01/2018.

VIEIRA, Denise. Entrevista III. [03 jul. 2017]. Entrevistador: Luciane Campana Tomasini. Passo Fundo, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se no acervo documental do Museu de Artes Visuais Ruth Schneider- MAVRS.

#### FONTES ARQUIVO PESSOAL

Arquivo pessoal Ruth Schneider [Museu de Artes Visuais Ruth Schneider (MAVRS) Passo Fundo (PF), Rio Grande do Sul].

\* Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Museu de Artes Visuais Ruth Schneider. Mestranda em História Teoria e Crítica de Arte- PPGAV-UFRGS, Bolsista Cnpq.E-mail: lucampanas@yahoo.com.br.

<sup>1</sup> O MAVRS, fundado em 1996 pela Professora Roseli Doleski Pretto é um museu universitário da Fundação Universidade de Passo Fundo e mantém convênio com a Prefeitura Municipal, proprietária do prédio que é histórico (1909). A sede local abriga os dois museus, no andar superior o Museu de Artes Visuais Ruth Schneider e no andar térreo o Museu Histórico. Está cadastrado nos Sistemas Estadual e Brasileiro de Museus - IBRAM.

<sup>2</sup> Ruth Schneider nasceu em 08/05/1943 em Passo Fundo, RS e faleceu em Porto Alegre em 23/12/2003. Foi pintora, gravadora, desenhista, autodidata. Participou de exposições nacionais e internacionais, nos Estados Unidos, Inglaterra, Japão e Alemanha, entre outros países. Em 1991 expôs na 21 Bienal de São Paulo com a obra da *Série Vermelho 27 Crônica Satírica* (1991). Fonte <http://mavrs.upf.br/index.php/historico/ruth-schneider>

<sup>3</sup> No folder de divulgação da exposição de abertura do museu, constam os nomes dos artistas: Francisco Stockinger, Vasco Prado, Maria Tomaselli Cime Lima, Gustavo Nakle, Roberto Bilius, Luiz Gonzaga Mello Gomes, Nelson Jungbluth, Carlos Sliar, Zorávial Betiol, Waldeny Elias, Fernando Baril, Feliz Bressan, Glória Yen Yordi, Beatriz Camelier, Astrid Linsenmayer, Celina Paese, Isabel Nectoux, Edson Brettas, Eliane Santos Rocha, Isabel Cristina Carvalho, Rosana Almedares, Ferandin, Carmem Adegas, Norma Cazzulo, Luiza Fontoura, Hilda Mattos, Sandra Bethieray, Roberto Schmith Prym, Harold Brody, Klaudius Kwol, Cris Rocha, Loudes Strezi, Márcia Ieal Wialicg, Carlos Alberto Mayer, Nelson Gonzales, Lara Spinosa, Tania Couto, Icaro, Esther Bianco, Magaça, Cláudio Tolentino, Zélia Araújo Santos, Bina Monteiro, Egia Fiedler, Beuhilda Zilles, Antonio Soriano, Carlos Wladiminski, Henrique Fuhro, Helio de Souza Froes, Enrico Bianco, João Luiz Roth, Antonio Frantz, Han Steiner, Danúbio Goançaves, Wargner Dotto,

Jorge Tafarel, Edgar do Valle, Berenice Laks, Mirian Topolar, Anico Hercowitz, Marta Louguercio, Roseli Dolesky Pretto, Wilson Cavalcanti, Berenice Unikowsky, Carmem Medeiros, Irene Ludwings, Inês Benetti, Lígia Brizolara, Amarilli Light, Fernando Bakos, Ana Baladão, Rejane Lamego, Ondina Pozoco, Mônica Kabregu, Nadja Rossato Cruz, Paul Chimendes, Beno Pferher, Rse Scliar, Rosana Borotolin, Heloisa Tigre, Loide Wagner, Waldomiro Motta, Eleonora Fabre, Gláé Macalós, Vilson Alves, Clóvis Pereti, Clara Pechansky, Luiz Alberto, Rodo, Maria Lucina Busato Bueno, Miriam Postal, Mais Mena Barreto, Caé Braga.

<sup>4</sup> Marlise Regina Meyrer é Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2008), professora da Universidade de Passo Fundo/UPF, e Coordena o Laboratório de Memória Oral e Imagem (LAMO) do Programa de Pós Graduação em História da UPF.

<sup>5</sup> O texto manuscrito *Biografia de Personagens Fundo/RS*, de Ruth Schneider está no arquivo histórico do MAVRS.

<sup>6</sup> Aline do Carmo é professora na Universidade de Passo Fundo, mestre em História pela Universidade de Passo Fundo, cuja dissertação versa: *Arte e história na Série o Cassino da Maroca de Ruth Schneider defendida em* (2015).

<sup>7</sup> Álbum Ilustrado *O Cassino da Maroca* pode ser visualizado na página online do site do Museu de Artes Visuais Ruth Schneider disponível em: <http://mavrs.upf.br/index.php/revista>

<sup>8</sup> Ironita Policarpo Machado é Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2009) e Pós-Doutorado pela Universidade Federal Fluminense (2015). Conselheira do Conselho Curador do MAVRS e MHR. Líder do Grupo do CNPQ Núcleo de Estudos Históricos do Mundo Rural (NEHMuR), Entrevista na íntegra disponível no endereço eletrônico: <http://videos.clicrbs.com.br/rs/zerohora/video/geral/2013/09/cassino-maroca-cabare-sede-ditadura/41569/>

<sup>9</sup> Entrevista na íntegra está disponível em <https://nexjor.atavist.com/nos-embalos-do-cassino-da-maroca>.

<sup>10</sup> Material completo está disponível em <https://nexjor.atavist.com/nos-embalos-do-cassino-da-maroca> Acesso em 02/01/2018.